

A AVALIAÇÃO NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES INICIAIS , DANDO ENFASE A EXCLUSÃO SOFRIDA POR ALGUNS DISCENTE AO LONGO DOS ANOS

Professora Mestranda: Wanessa Aparecida de Santana Lorena Lima

Professora da rede pública de ensino-wanessaegabriell@gmail.com

Olwa University – Olford Walters University , cnj:12.147.854/0001-54 contato@cegem.com.br

Wanessaegabriell@gmail.com

Resumo: Este artigo de cunho qualitativo, objetiva analisar como vem procedendo as avaliações das três primeiras séries do ensino fundamental series iniciais; apresentando conceitos dirigidos repensada; em função do que verdadeiramente esta se aprovando ou reprovando e quais programas tem intercedido para a soma de uma melhor análise do que é avaliar, o que avaliar é como avaliar. Sabemos que a reprovação é uma forma de exclusão, o discente por frustrações psicológicas de uma vida acarretada de sofrimento pode não suportar mais esse e se achar diferente das demais crianças e não quer ir mais á escola. Deve-se se fazer bem uma analise pra se ver qual a real necessidade do alunado, pois não se há aprendido numa mente que sofre, que passa por transtornos.

Palavras- chave: abordagens avaliativas; aprendizagem; exclusão social e programas educacionais

Introducao

Avaliar é uma tarefa não tão fácil, pois você se dispõe a: julgar; medir; diagnosticar e formar. A avaliação buscar medir; mas o que ela realmente mede? É aí que partimos para uma discussão mais profunda; nos três primeiros anos do ensino fundamental series iniciais espera-se que o aluno conclua lendo e interpretando bem; alfabetizar e letrar; antes nós tínhamos um índice de reprovação muito grande nestas séries, então para evitar que as crianças destas séries fossem reféns da repetência, pois mesma causa grandes efeitos na vida da criança como a baixa autoestima, então as crianças de 6, 7 e 8 anos, passam por um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial; não podendo eles serem reprovados. Mas o que garantirá o ensino e a aprendizagem nestas séries; os três primeiros aos devem assegurar: a alfabetização e o letramento; o

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

desenvolvimento de diversas expressões; tudo isso esta na resolução n. 7, de 14 de dezembro de 2010.

Um dos recursos mais usados de acordo com a pedagogia tradicional é a chamada “prova” que tem por finalidade avaliar os conhecimentos do aluno os chamados também testes ou exames.

Para que possamos avaliar bem é necessário que a cada dia estarmos atentos a tudo feito em sala de aula, pois a cada dia o aluno dá indícios, de interesses nas atividades realizadas em sala, nos trabalhos em grupo por isso, a nota não poderá ser só a do dia da ‘prova’, tudo é um conjunto, é como se constrói uma casa, tijolo acima de tijolo; no dia da prova aquele aluno não pode ter passado os instantes anterior bem; isso pode afetar tudo o que ele sabe; pois os professores da pedagogia tradicional são os que se apegam a prova para medir o potencial do seu aluno.

2 PEDAGOGIA TRADICIONAL

Na pedagogia tradicional a metodologia de ensino de exposição verbal por parte do professor; seu foco principal era, resolver exercícios e memorização. A relação professor-aluno era marcada pelo autoritarismo, época de que o medo predominava, o aluno mal falava em sala de aula; o papel do aluno focava em receber conhecimentos transmitidos pelo professor. A avaliação, feita de forma mecânica e ocorrida sempre por meio de resolução de tarefas, provas orais e escrita; os alunos decoravam, o que significa que talvez não compreendesse ou soubesse o significado; infelizmente sabemos que tudo que se aprende se repete; e ao longo dos anos os alunos podem tornassem professores e tendem a repetir os mesmos erros. A avaliação até hoje se perpetua da forma tradicional; provas tarefas de casa. Hoje algumas escolas já adotam outros instrumentos de avaliação, sem de certa forma descartar a “prova” pois ela ainda é instrumento

para cada escola, entrada nas universidades, empregos e concursos públicos.

O autoritarismo que colocavam medo nas alunos antes, acabavam resultando de certa forma prejudicando o aprendizado; se dava indícios negativos nas avaliações, causando uma reprovação escolar com um índice muito grande; as famílias também não estavam bem orientadas e acabavam desacreditando de seus filhos, o que mais decaía a situação do alunado; por isso ao longo dos anos essa questão de ensino -aprendizagem e avaliação foram ganhando estudos e pesquisas para que se resolvesse algumas questões.

3 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Quando se fala em prova, teste, avaliação; os alunos ficam logo muito nervosos; o pedagogo Hamilton Werneck diz que: “ Crie um clima de confiança e segurança gerado pelas praticas” então devemos considerar algumas diretrizes: Procurar lidar com a ansiedade dos alunos; conversar com eles; organizar bem o ambiente; dar instruções claras para a avaliação; nos primeiros anos do ensino fundamental é necessário uma boa contextualização, e o uso de imagens; quanto mais claro e explicito, melhor a verificação do aprendizado; algo muito importante é se o docente verificar um erro na elaboração de sua questão, assumir o erro e pontuar a favor do aluno.

Pode verificar o desempenho do aluno através da avaliação, cada aluno deve ter o seu relatório inicial; o início do ano é verificado o que o aluno já tem em sua bagagem de conhecimento; e ao final das unidades vai expondo o que ele aprendeu e em que se deve melhorar.

Os chamados testes que podem ser realizados em diferentes momentos; não só no papel, mas também em contato com jogos silábicos, de palavras e figuras, entre outros; as avaliações grupais, a partir de pequenos grupos de estudos e exploração oral, não pode-se deter a papel,

lápiz e conhecimentos, os instrumentos devem ir muito mais além.

O relatório, geralmente realizado pelo coordenador pedagógico, incluindo as informações mais relevantes onde observa-se o planejamento e avaliação em quais momentos são realizados, com o objetivo de analisar os pontos positivos e negativos de que se foi trabalhado.

A avaliação é contínua, a cada dia podemos avaliar, podemos moldar nossos métodos de ensino quando não estão dando certo. “ Enfim terá de ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos” (LUCKESI, 1995,P.43). Como cita Luckesi, o instrumento de reconhecimento dos caminhos quando não estou conseguindo que meu aluno não aprenda a ler de tal forma, mudemos a forma de ensino; é importante se ter várias estratégias, sermos moldáveis, que nossas praticas nunca sejam enrijecidas.

4 Programas incentivadores a alfabetização no Brasil; Acelera, Se Liga, PNAIC

Diante da necessidade preocupante da não alfabetização e do índice de reprovação, surgiram programas de apoio para a correção dessa situação, revertendo e avançando nos índices de crianças alfabetizadas.

O programa Acelera Brasil- PAB- iniciado em 1997, os primeiros esforços no Estado do Maranhão em 1995, voltados os primeiros quatros anos das séries iniciais do ensino fundamental series iniciais, o interessante é que o PAB parte de uma instituição não governamental “ O Instituto Ayrton Senna” rico em materiais, estratégias, sistemas de acompanhamento e planejamento do processo; entre outros.

Iniciada por avaliação Diagnóstica, escolha e formações dos docentes, todo um aparato; a maioria dos alunos eram repetentes ou multirrepetentes, uma parte dessa defasagem devia-se a entrada tardia ou ao abandono. Os resultados do Acelera nesses 20 anos; 1 milhão de estudantes e mais de 33mil educadores; atendeu 947 municípios, promoveu avanços educacionais.

Se Liga; após muitos estudos sobre o porque de muitas crianças não alfabetizadas na idade dita “certa”, várias questões começara a serem levantadas, temos que analisar cada caso como particular, pois sabemos que a vida familiar, social e

cultural influência na hora do aprendizado, a mente e o corpo tem que estarem bem, para que tudo funcionem.

O Se Liga surgiu em 2001, sua intenção de atender alunos com distorção idade-série; o qual o aluno é estimulado em suas capacidades cognitivas, socioemocionais, como comunicação, colaboração, autoeficácia, autogestão, que contribui para a formação de cidadãos aptos para superar os desafios do século 21; dá-se a importância entre o vínculo professor-aluno; o acolhimento diário. Em 2016, O Se Liga, esteve presente em 56 municípios e 632 escolas, beneficiando 11.581 estudantes.

PNAIC, desde 2012, o governo Federal vem com a proposta; o Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa, como meta “alfabetizar todas as crianças no máximo até o final do 3º ano do ensino fundamental series iniciais”.

Com forte programação de formações continuadas dos professores alfabetizadores, materiais didáticos e pedagógicos avaliação e controle social e mobilização; rico em materiais didáticos e pedagógicos, avaliação e controle social, e mobilização; rico em materiais como livros; jogos, dicionários, entre outros específicos para a alfabetização.

O INEP ao final de 2014 verificou o nível de aprendizado aos alunos do terceiro ano; a prova ANA, assim com os resultados podia implementar medidas e políticas corretivas.

No processo de formação se discutia muito o ensino, aprendizagem e avaliação em 2013 foram 120 horas de formação, aos docentes, 2014 160 horas; 2015 o foco era ação reflexiva dos professores, como foco no currículo inclusivo; defendendo o direito de aprendizagem dos alunos; em 2016, as instituições de ensino superior foram responsáveis pela formação de grupos formadores denominados orientadores de estudos. 2017 a intensão de promover a cooperação federativa e apoiar a constituição de equipes, vinculadas as redes de ensino.

Ao analisar esses três projetos de intervenção para o aceleração podemos concluir que o primeiro vem corrigir os erros do passado já trabalhando com alunos com idades elevadas; o segundo funcionando como um reforço do primeiro como se fosse uma emenda do que não deu certo, já o diferencial do terceiro é que pega as crianças na idade certa, e propõe estratégias o auxílio de recursos e capacitações para o docente, como se pode analisar tudo isso fugindo do modelo da pedagogia tradicional, temos a inclusão, o chamado do aluno a escola, e a exclusão, quando reprovado acabo excluindo

5 A importância da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa

Quando recebemos o alunado gostamos de identificar o que eles já sabem, começamos com algumas conversas informais, algumas propostas de atividades para sondar o que eles aprenderam; e dado o nome de avaliação diagnóstica. Nessa avaliação podemos ver o que o alunado já sabe e o que não sabe.

Durante o ano letivo avaliamos o alunado de diversas maneiras, pois a avaliação é contínua; aperfeiçoar, rever, levantar dados e novos procedimento de ensino fazem parte da avaliação formativa, sempre verificando se os objetivos foram alcançados.

Chegado ao final de cada conteúdo e de cada bimestre, fazemos a soma de todo conhecimento absorvido, e principalmente no final do ano letivo. A avaliação somativa visa classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos ao final do processo tendo a função de classificar o aluno e quantificar este processo avaliativo (HAYDT,2008).

6 PROVA BRASIL E ANA

Instrumentos para diagnósticos para indicar como anda a qualidade da alfabetização, o desenvolvimento do letramento, da matemática, sendo elas aplicadas aos anos iniciais, essas provinhas foram desenvolvidas pelo Inep/MEC elas são aplicadas nos segundos e terceiros anos do ensino fundamental séries iniciais. Toda a comunidade escolar deve estar envolvida e empenhada para esse processo de ensino e aprendizagem, onde nessa avaliação deverá nortear os pontos positivos e negativos, o que poderá ser mais trabalhado, cada um tem sua função; professor, direção, secretaria de educação, então ferramentas como a criação de novas estratégias de ensino e reformulação anual do PPP são de extrema importância. A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Professores e diretores das turmas e escolas avaliadas também respondem a questionários que coletam dados demográficos, perfil profissional e de condições de trabalho.

7 A IMPORTÂNCIA DA APLICABILIDADE DA LDB NO CHÃO DA ESCOLA

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Numa visão ampla e atualizada do discente da educação especial, considera-se: Aluno com deficiência: mental, auditiva, visual, múltipla, motora, condutas típicas, síndrome de Down, autismo, déficit de atenção, hiperatividade, transtorno do pensamento e da linguagem, transtorno de personalidade com dificuldade de aprendizagem, super dotados, em classes hospitalares, em centros de reabilitação ou convalescentes em domicílio, oriundos de contextos culturais minoritários (indígenas, ciganos) com problemas de auto conceito, submetidos a níveis agudos de privação cultural. Hoje também é considerado alunos especiais pessoas que tiveram suas vidas marcadas por desconformidades sociais e por contingência de trabalho, tais como: Alunos filhos de pais separados, alunos filhos de pais alcoólatras, alunos filhos de pais desempregados, alunos filhos de pais encarcerados, alunos filhos de pais dependentes de drogas, alunos com problemas de nutrição, Alunos meninos de rua, alunos que vivem em situação de risco, alunos que vivem situação de risco, alunos de famílias que vivem em acampamentos ou situações habitacionais eventuais, alunos cujos pais vivem em trânsito/ filhos de famílias circenses, de caminhoneiros, boias-frias, agricultores sem terra, de famílias cigana etc. A abrangência é muito mais ampla do que muitos profissionais ainda não sabem, nem mesmo os familiares, a falta de compreensão do que esses alunos regem de forma comportamental diferente, há vários casos em que os alunos passam anos e anos sem que família e escola descubra o que seus procedimentos não conduzem com que a escola pede, taxados de vários adjetivos; preguiçosos, indisciplinado, bagunceiro, infelizmente não há apoio nas escolas, onde haveria de ter psicólogos, psicopedagogos, para auxiliar na identificação de determinados comportamentos.

CONCLUSÃO

Com o passar dos anos muitos docentes foram observando e tomando conhecimentos de que seus alunos tinham dificuldades de aprendizagem, é com a inserção e estudos através de psicólogos e psicopedagogos, a vida dos alunos tomaram um norte diferente, pois as dificuldades como dislexia por exemplo passou a ser respeitada e dado acompanhamentos diferenciados, assim não prejudicando-os através de reprovações.

Como podemos observar, a avaliação tem feito um caminho não em forma de reta durante todos esses anos, ela tem descoberto novos caminhos e

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

estratégias, a avaliação esta muito presente no nosso cotidiano, sendo ato de julgar, analisar, conceituar e classificar; sua importância de total apreço, pois através dela se mede o ensino do professor, onde as estratégias podem mudar de acordo com o percurso, aquilo que não está dando certo pode haver uma reestruturação.

A avaliação deve ser inclusiva, pois acolher com carinho o discente é deixa-lo bem á vontade pra expressar tudo o que foi trabalhado; a reprovação exclui o discente, podendo deixa-lo marcado pra o resto da vida; por isso não avaliar só através de provas, mas a todo momento.

O significado importante de se saber o que o alunado trás consigo, através da avaliação diagnóstica, é ela que dará um norte, pois nos períodos seguintes a avaliação formativa que é contínua se fará presente; chegado o momento em que a avaliação somativa dará o resultado de todos esforços e estratégias usados durante todo o processo de ensino aprendizagem. Os programas educacionais e de apoio á educação como o Instituto Ayrton Senna, que trouxe grandes contribuições, não existe receita pronta pra um bom ensino e boa avaliação, mas vimos que ao longo dos anos se tem uma nova forma de rever conceitos, a reflexão tem de certa forma dado condições de uma escola mais acolhedora e inclusiva, recebendo de braços abertos o aluno e toda sua situação emocional, social e humana.

REFERÊNCIAS

AMARO, Diegles; GALERY, Augusto. A escola para todos e para cada um. São Paulo: Summus, 2017.

BLOOM, Benjamim S. et. al. **Manual de Avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Conferência Nacional de Educação, Segunda, 2014, Brasília. **Documento – referência**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivo/pdf//documento_referencia.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014b.

ESTEBAN, Maria Teresa.(org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A,2001.

HOFFMANN, Jussara, **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2009

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22.ed. São Paulo : Cortez, 2011

____. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. Pátio. Porto Alegre: ARTMED. Ano 3,n.12 fev./abr.2000 disponível em

<https://www.nescon.meddicina.ufmg.br/biblioteca /imagem2522.pdf>. Acesso 22 de maio de 2018

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da Gestão Escolar e suas Competências**. Curitiba. Editora Positivo, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Integração x Inclusão: escola (de qualidade) para Todos**. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.9.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. PRIETO, Rosângela Gavioli. ARANTES, Valéria Amorim (org). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. .

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. **História, deficiência e educação especial**. Disponível <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art1_15.pdf>. em: 29 mai. 2015.